

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Chaves, Mário João Alves, 1965-

**Paradoxo : pode um desenho estar errado,
perante a imanência de um pensamento correcto?**

<http://hdl.handle.net/11067/7685>

<https://doi.org/10.34628/89cd-ek35>

Metadados

Data de Publicação	2024
Tipo	bookPart
Editora	Universidade Lusíada Editora
ISBN	978-898-640-249-2

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-01-24T17:21:18Z com
informação proveniente do Repositório

PARADOXO: PODE UM DESENHO ESTAR ERRADO, PERANTE A IMANÊNCIA DE UM PENSAMENTO CORRECTO?

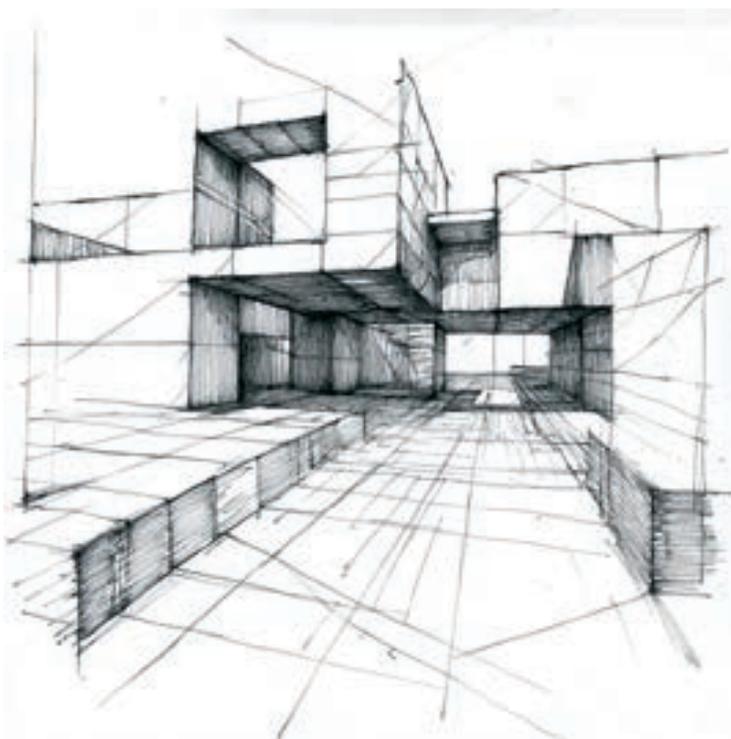
Mário Chaves

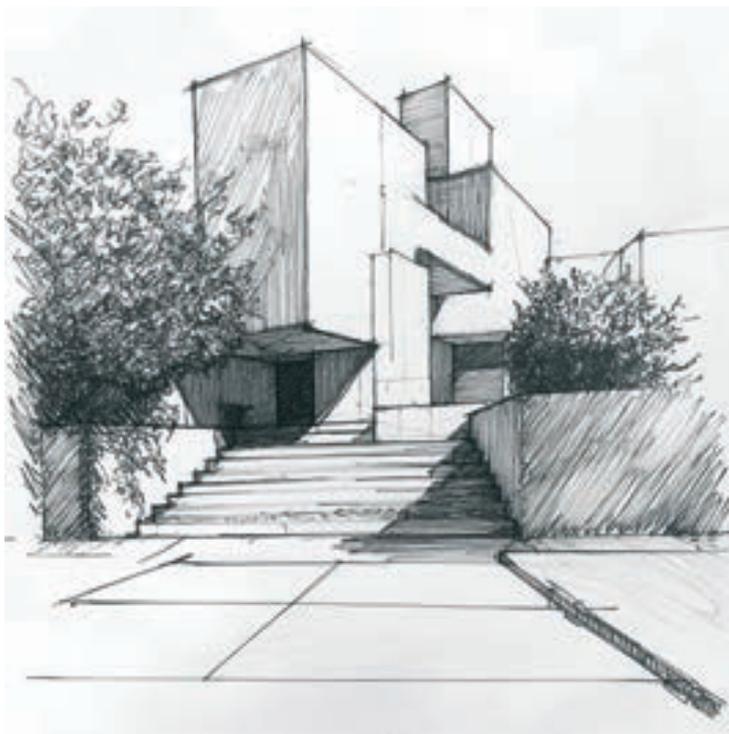
DOI: <https://doi.org/10.34628/89cd-ek35>



O paradoxo de que o grau de liberdade de escrever e desenhar pode estar errado ou incorreto, sobre a imanência de um pensamento tido, é uma reflexão profunda sobre a relação entre representação e essência, forma e conteúdo de comunicação, expressão e ideia, personalização ou indiferenciação, porque não sendo um ato involuntário é um ato consciente.

O paradoxo do desenho errado, sendo que a escrita manual é também ela um ato de desenho corrido, atestado do valor de uma ideia construída, é que o desenho como representação visual, numa forma de expressar algo que, tentando captar ou expressar a imanência de um pensamento ou ideia, provêm de uma identidade, considerada correta a partilha entre o autor comunicante e outros. A imanência refere-se àquilo que está presente dentro de algo, intrínseco à sua essência. O pensamento correto, portanto, é algo cuja essência ou verdade já está estabelecida, mas o desenho que quer representa-lo, não poderá estar errado ou inadequado, simplesmente porque o é visível.





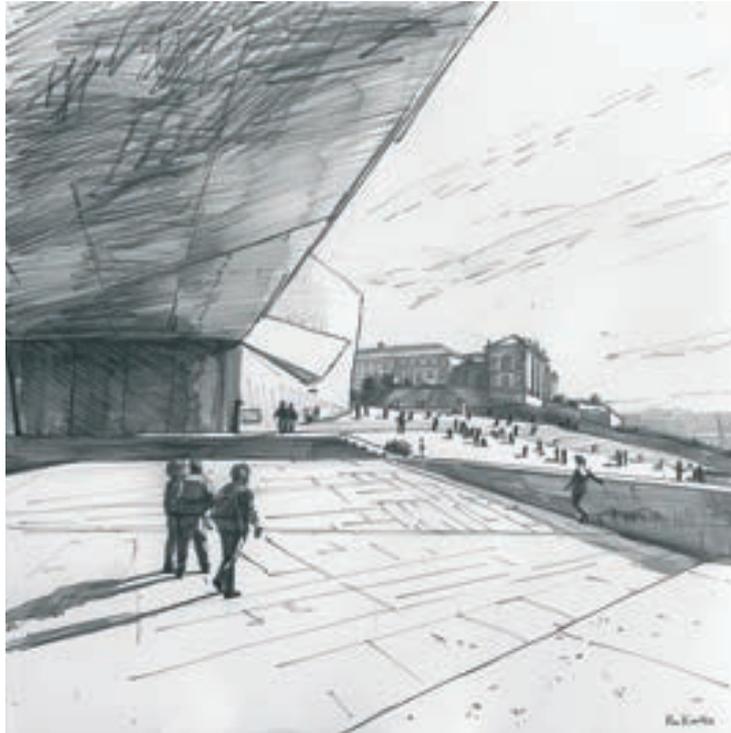
A representação vs essência, é um paradoxo que remete à questão filosófica sobre a relação entre representação e reconhecimento. Pode argumentar-se que a representação de uma ideia pelo desenho, pode ser incorreta ou incompleta ou até insuficiente para captar a verdade da ideia em si – o dito pensamento correto; remonta a Platão, a discussão como o mundo sensível, nas suas representações, imagens e impressões, são uma cópia imperfeita do Mundo das ideias arquetipais, e neste sentido, o desenho pode estar incompleto ou até errado, na tentativa de representar a verdade imanente de um pensamento estruturado, proveniente da da identidade de um autor; um desenho pode ser uma representação imperfeita da ideia arquetipal, do que existe de modo perfeito e imutável no universo das ideias continuamente brotante de um infinito infinito; a arquitetura desenhada que quer ser física, quer conseguir captar e capturar completamente a essência ou a verdade da ideia que ambicionou ser.

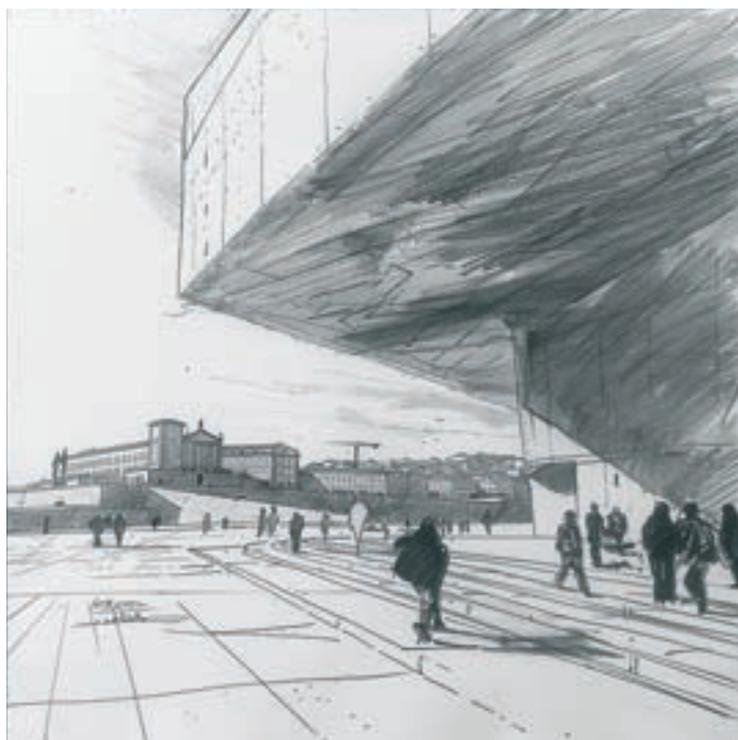
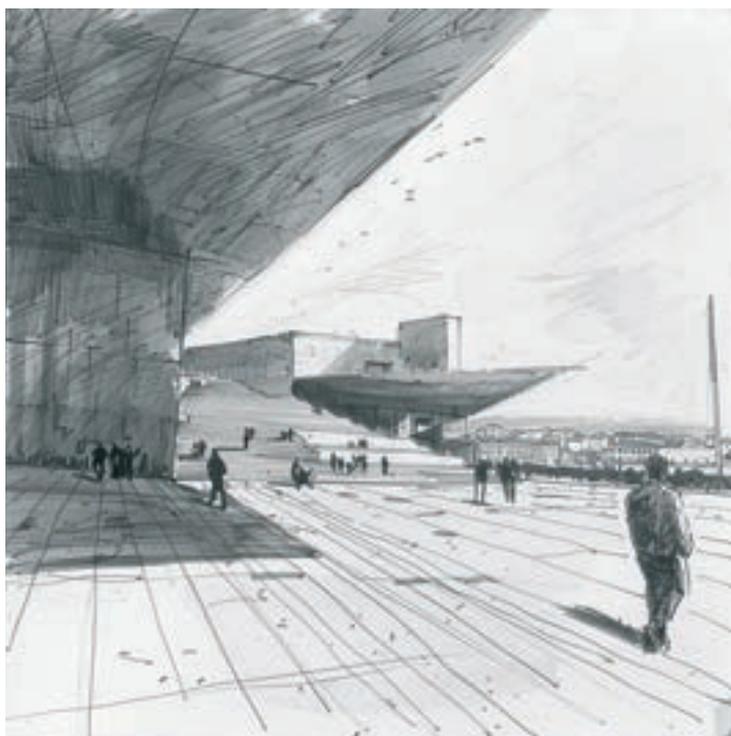


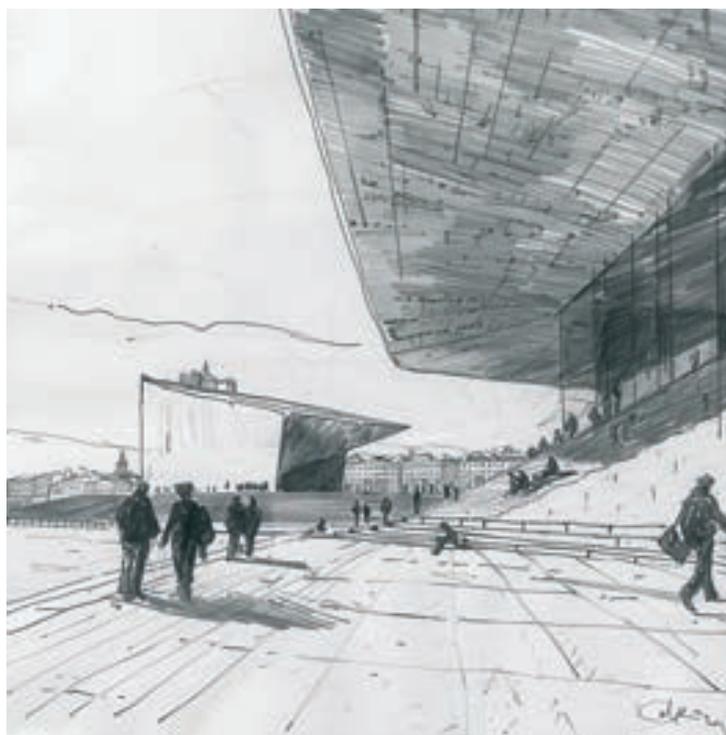
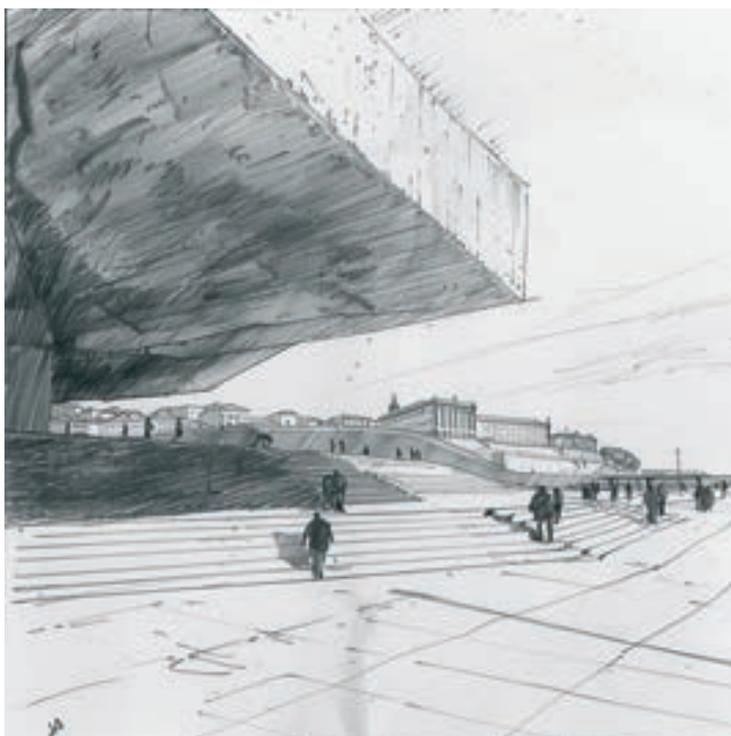
Schopenhauer entendeu o desenho como uma experiência estética, que pode transcender a mera existência da ideia, possibilitando até a possibilidade de se libertar, ainda que temporariamente da luta e da existência diária e da irracionalidade da sociedade. A grandeza da experiência estética, que pode ser assumida como a representação do ideal Platônico, deve ser sentida para além dos desejos e necessidades; a vontade de expressão e comunicar são inerentes às relações civilizacionais e a arquitetura proporciona um meio de contemplação e silêncio que vai além do tempo e da história, tanto na sua materialidade concreta como na etérea representação. Porque um desenho de arquitetura é uma representação errada da sua ideia quimérica.

A linguagem visual e a ambiguidade da expressão do desenho como modo de linguagem visual, pode ser sujeito a distintas interpretações e, portanto, errôneas na sua apreciação em relação ao pensamento que se pretende expressar. A questão de estar errado, não implica necessariamente, uma falha de percepção, mas uma eventual inadequação ou limitação na comunicação e demonstração em linguagens acessíveis, que estando correctas, no sentido de ser logicamente consis-

tentes e filosoficamente verdadeiras, o desenho pode não ser capaz de capturar e revelar essa precisão que a ideia continha. Assim, como um texto filosófico pode ser traduzido de modo impreciso noutras línguas, um pensamento revelado, pode ser manifestado de modo incorreto ou incompleto quando representado visualmente, e ainda assim constituir toda a essência, estrutura e sistema da ideia concebida.

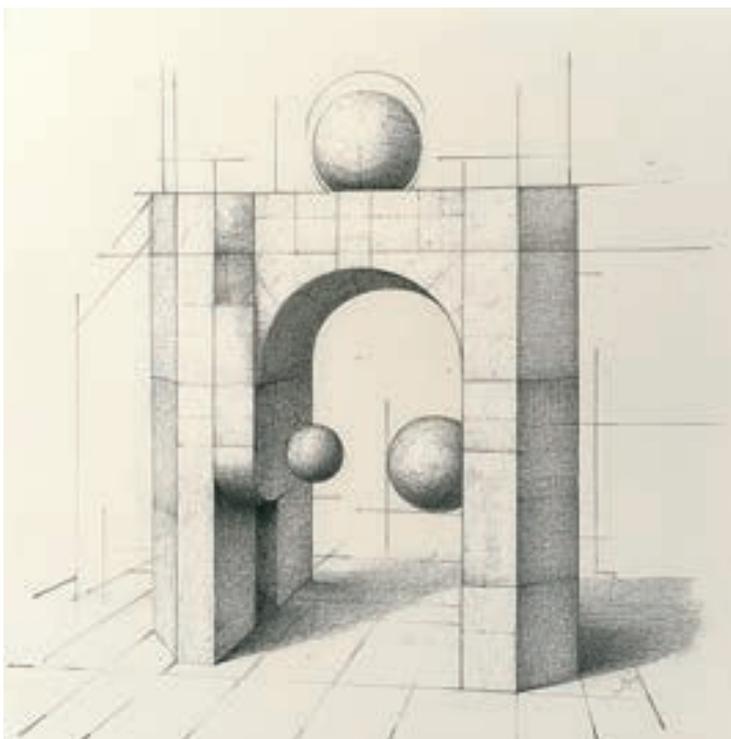
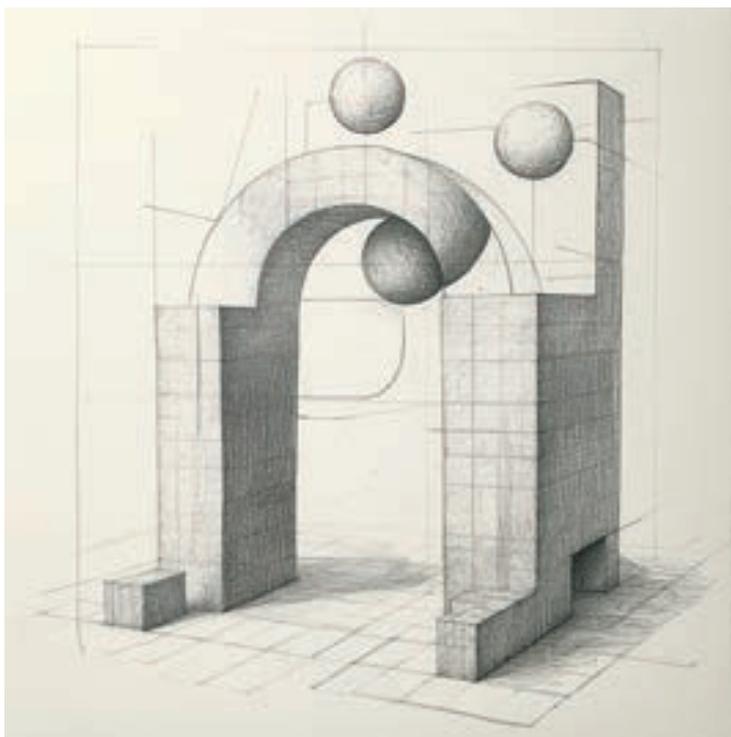


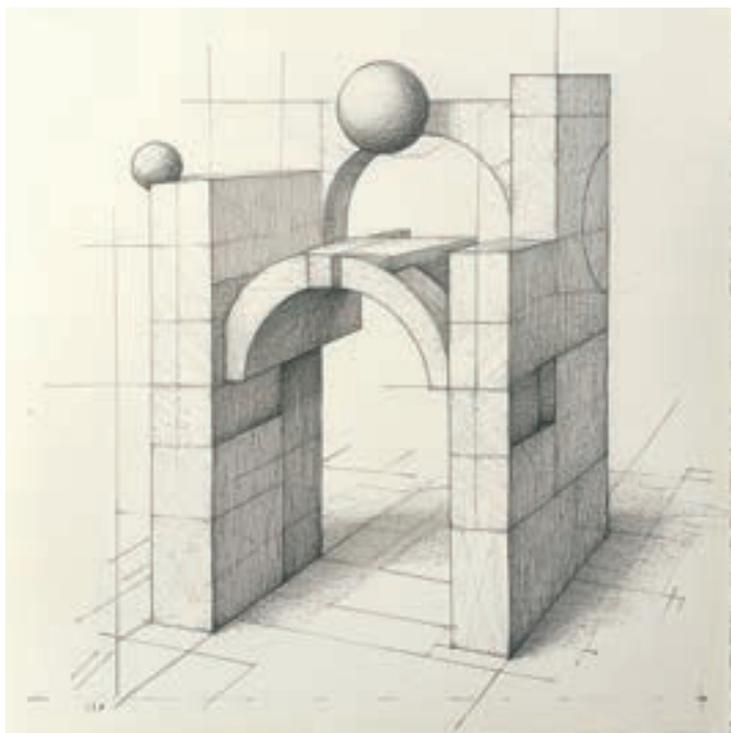
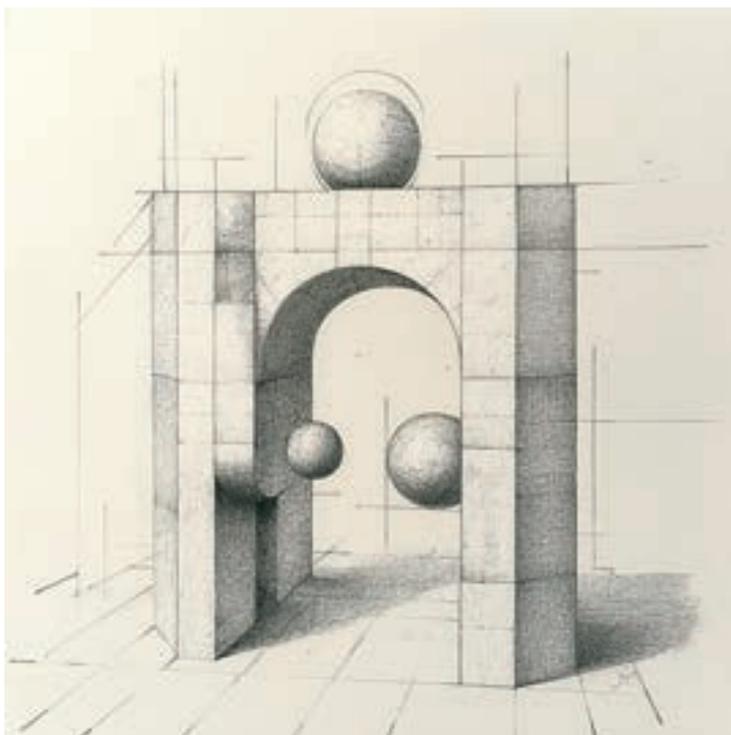




Reconhece-se assim a impossibilidade legítima da perfeita representação; ou da representação perfeita, conforme seja o comunicador ou o receptor, havendo sempre lugar à reinterpretação e reanálise das intensões iniciais. No princípio era o Verbo e da palavra se fez a ação. Apenas após a ideia pode acontecer o desenho, que é uma tentativa de tornar tangível o que pertence ao domínio do intangível. Portanto, toda e qualquer tentativa de representação da ideia, é parcial ou mesmo errada, pela impossibilidade de expressar a totalidade de um pensamento, especialmente nas suas complexidades e profundidades. Imagine-se tentar desenhar a ideia de beleza – a Vanitas; qualquer desenho seria uma simplificação ou uma mera metáfora visual que, entre as infinitas possibilidades de representação e percepção, não conseguirá captar inteiramente a complexidade do conceito de beleza. Neste paradoxo reside a liberdade do desenho, sem as limitações da forma e na potencialidade do conteúdo; a expressão do desenho pode ser limitada, mas o conteúdo do pensamento permanece verdadeiro e íntegro na sua evidência de se revelar. Este é o seu cerne: a evidente maneira errada. não invalida o conteúdo correcto. O erro pode estar na tentativa de transposição de um domínio intelectual válido para o visual. Um exemplo correcto passa-se na linguagem da expressão matemática; um diagrama pode estar ‘mal desenhado ou incompleto nos detalhes’ mas a ideia e conceito que tenta demonstrar, permanece inteiramente correcta. O mesmo acontece com os desenhos infantis; representam sempre e em todo o seu grau e qualidade, a ideia tida a partilhar e evidenciar como meio correcto de comunicação, sem o ensejo de desenhar de modo correcta. Portanto, como se aprende a desenhar de modo errado?

Por fim, uma questão mais profunda, a da ambiguidade do simbólico. O desenho enquanto símbolo, é lido de distintos modos, dependendo do contexto e da qualidade do receptor, permanecendo o pensamento correcto em relação ao objetivo da comunicação. Este paradoxo cria então a evidência de que o erro do desenho é possível e até desejável, no facto de que estando sempre sujeito às múltiplas interpretações, é livre na ambiguidade na sua originalidade, escapando das normas convencionais e questionando os padrões estabelecidos; explorando o abandono da perspectiva, a deformação, a descontextualização, para que não desistamos de desenhar. *Be free.*





Um desenho pode estar errado sobre a imanência de um pensamento correcto, porque a sua manifestação é livre. O intangível que se torna tangível, assume-se nos seus diversos graus e qualidades, que mesmo que seja de um modo de expressão inadequado, é sempre correcto por transmitir a ideia e o pensamento, que são sempre únicos. É [ainda] o derradeiro acto de liberdade dos arquitetos, e de modo algum é um paradoxo, porque desenhamos porque somos livres de pensamento; um desenho nunca é errado; tal como não o é a ideia, e deve ser revelado, tal como tem sido ensinado, ensaiado e formalizado, emocional e racionalmente no ensino da arquitetura.